

## Resenha

**BESSE, Maria Graciete. *Lídia Jorge et le sol du monde*. Paris: L'Harmattan, 2015.**

Maria Araújo da Silva  
Universidade Paris-Sorbonne

Neste ensaio em que percorre com especial acuidade a vasta produção literária de Lídia Jorge, escritora portuguesa contemporânea traduzida em diversas línguas e galardoada com inúmeros prémios literários nacionais e internacionais, Maria Graciete Besse centra-se na problematização de uma ética de teor marcadamente feminino.

Orquestrado num subtil piscar de olhos, o título *Lídia Jorge et le sol du monde* alude ao magnífico texto “Os dois lados do mundo”, em que a romancista evoca uma longínqua recordação de infância que associa ao despertar da *sua vocação literária e acentuado gosto pelos livros*. O “chão do mundo” que Lídia Jorge observa com um olhar sensível e atento, é aqui analisado a partir de um sólido aparelho crítico baseado na filosofia, na mitologia e nos estudos psicanalíticos, entre outras áreas do saber, de maneira a evidenciar as relações entre Ética e Literatura, em que se configura uma preocupação *care* que se prende com o reconhecimento da vulnerabilidade dos seres.

Como refere Lídia Jorge no prefácio deste mesmo ensaio, Maria Graciete Besse entra com muita delicadeza e elegância na sua “frágil moradia” que descreve minuciosamente, num permanente entrelaçamento das dimensões estética, ética e política. Neste estudo dividido em três partes em que se operam cruzamentos entre os diferentes romances – desde *O Dia dos Prodígios* (1980) até *Os Memoráveis* (2014) – a autora desvenda a forma como a romancista penetra, entre real e imaginário, nos meandros de um quotidiano tecido de trivialidades, resgatando sujeitos vulneráveis, marginalizados e silenciados no Portugal colonial e pós-colonial, marcado por profundas incertezas, contradições e mutações.

Com base nos romances *O Dia dos Prodígios* (1980), *O Cais das Merendas* (1982) e *Notícia da Cidade Silvestre* (1984), Maria Graciete Besse interroga a memória arcaica resgatada em processos de busca identitária que se definem na interação entre passado, presente e futuro. O legado do poder arcaico ecoa com toda a força na representação de figuras míticas ou de um bestiário lendário (serpente alada, dragão...) que participam na construção da história individual e coletiva da modernidade. O imaginário do retorno é convocado, segundo a ensaísta, num movimento espiralado que funciona como catalizador de um questionamento sobre o tempo presente. A questão da identidade inscreve-se reiteradamente nos romances em que o “eu” e o “outro” se confrontam, num permanente jogo comparativo entre o rural e o urbano, a tradição e

a modernidade, que Maria Graciete Besse explora com grande coerência e precisão, desenhando uma cartografia habitada por seres vacilantes em busca de afirmação e marcados pela violência do sofrimento e da perda.

Num segundo momento em que a autora explora narrativas com forte dimensão sociológica (*A Última Dona*, 1992; *Marido e Outros Contos*, 1997; *O Vale da Paixão*, 1998; *O Vento Assobiando Nas Gruas*, 2002), desenham-se os territórios do feminino alimentados por desejos, fantasmas e medos, a partir de vidas triviais de mulheres particularmente atentas à precariedade e à fragilidade dos seres, que participam numa ética do *care* imbricada nos meandros dos afetos, nas relações de amor e amizade e diluída entre proximidade e distância, auxílio e rivalidade, amor e morte. Fazendo dialogar os diversos romances, Maria Graciete Besse penetra na intimidade de mulheres submetidas à lei patriarcal, reduzidas a “corpos dóceis” marginalizados, alienados e incapazes de liberdade num universo dominado pela violência, física ou simbólica, da dominação masculina definida por Pierre Bourdieu. Contrariando a ordem herdada da tradição, outras figuras femininas, recorrendo à palavra ou a um olhar salvífico, desafiam abertamente os poderes reguladores que as escravizam, numa tentativa de reapropriação da mulher enquanto sujeito.

Apoiando-se, em seguida, nos estudos de Benjamin, Agamben e Foucault, entre outros, Maria Graciete Besse destaca as marcas do poder e da violência que dominam o conjunto dos textos, enlaçados numa “poética da inquietude”. A autora observa muito justamente a forma como Lídia Jorge, particularmente atenta aos rumores do mundo, questiona a responsabilidade ética face à violência, não se coibindo de denunciar as mais diversas atrocidades que assolam a geografia da contemporaneidade. Entre elas, o conflito armado instaurado pelo regime autoritário de Salazar e Caetano, nos territórios da África lusófona, que constitui a matéria central do romance *A Costa dos Murmúrios* (1988), em que desvenda, enquanto testemunha privilegiada mobilizada por uma forte preocupação ética, os diferentes rostos da guerra, participando desta forma na desconstrução do discurso unificador colonial.

Finalmente, na terceira e última parte dominada pela atenção prestada à precariedade, Maria Graciete Besse questiona o humano nas suas atitudes, decisões e valores, desvendando diferentes comportamentos numa sociedade minada pela corrupção, a avidez e o narcisismo, particularmente encenados no romance *O Jardim sem Limites* (1995), onde a juventude, obnubilada pelo culto das aparências e a afirmação pessoal, se mostra particularmente insensível à presença e à vulnerabilidade dos seres com que se cruza. Denunciam-se, por outro lado, nomeadamente em *Combateremos a Sombra* (2007), as diversas vertentes da corrupção que revelam os disfuncionamentos de uma sociedade onde a desordem e o mal se instalam impunemente. Entre a perda das ilusões (da juventude ou da Revolução de Abril) e sonhos eivados de esperança, delineiam-se vidas tecidas na espessura de um “tempo incorporado” que deixam entrever “a crueldade das relações humanas e a inexorável dissolução das utopias”. As mesmas fracturas evidenciam-se nos romances *A Noite das Mulheres Cantoras* (2011) e *Os Memoráveis* (2014), em que a reflexão

sobre a experiência humana e as relações de poder se configura na articulação *entre memória e esquecimento*.

Vinculando de forma intrínseca a ética e a estética do fazer literário, este livro impregnado de grande sensibilidade constitui uma densa e rica contribuição para o (re)conhecimento da obra desta escritora contemporânea, que se define como “cronista do tempo que passa”, uma obra simultaneamente única na sua matriz e múltipla nas suas variáveis, alimentada pela matéria que compõe *o chão do mundo*.

### **Minicurrículo**

Maria Araújo da Silva – Professora Associada no Departamento de Estudos Lusófonos da Universidade Paris-Sorbonne e investigadora do CRIMIC (Centre de Recherches Interdisciplinaires sur les Mondes Ibériques Contemporains). Detentora do Prémio Literário Maria Ondina Braga (2009), publicou diversos artigos sobre Literatura Portuguesa Contemporânea em revistas e obras coletivas nacionais e internacionais. Tem atualmente no prelo, juntamente com Maria Graciete Besse, o volume *Femmes oubliées dans les arts et les lettres au Portugal (XIX<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècles)*.